

# Empalidecer um mito, uma obra de décadas

Por César Felício

*Valor Econômico*, 6.4.2015

**Lula não representa um sonho coletivo, mas o de muitos**

Peron hoje é só um objeto de estudos de especialistas e atração de segunda categoria para os vendedores de "souvenirs" a turistas em Buenos Aires destes dias. O caudilho argentino morto há quase 41 anos ocupa o espaço central das livrarias especializadas, mas não é mais que uma referência vaga no discurso da miríade de caciques regionais, sindicalistas e políticos de toda ordem que se classificam como "peronistas" na Argentina.

O peronismo virou quase um estado de espírito, que impregna e guia uma sociedade, mas independe das formulações de seu antigo criador. Talvez, dentro de alguns anos, ele se aproxime na Argentina do espaço que tem no Brasil a enevoada figura de Getúlio Vargas no imaginário nacional, alvo da atenção dos leitores atentos a biografias, mas cujas manifestações políticas ditas "getulistas" cheiram a simulacro.

Em um almoço pouco anos antes de morrer, o ex-governador paulista Orestes Quércia, que jamais foi próximo de Luiz Inácio Lula da Silva, vaticinou: "Dentro de 50 anos ele será o único político no cenário nacional de hoje que será lembrado. O resto, com sorte, vira nome de rua e viaduto". Quércia morreu em plena campanha de 2010, aliado ao PSDB, tentando como podia impedir que Lula elegeisse Dilma Rousseff como sua sucessora. Ficou no ar a sua profecia de que só por volta de meados do século começaremos a esquecer a figura do petista.

Ao longo de sua história, exerceu como ninguém o dom da prestidigitação. Sempre se beneficiou de ser imensamente subestimado por seus adversários. Foi assim desde que entrou no Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo, desprezado como pelego pelos militares e considerado uma marionete de um chefe sindical local. Passou pela construção do PT, em que intelectuais de esquerda, líderes basistas da Igreja Católica, egressos da luta armada e sindicalistas se iludiram com a possibilidade de controlá-lo. Até hoje tentam, inutilmente, no PT que agoniza como partido.

De uma maneira que hoje parece tola, seus adversários desenvolveram o argumento de que a formação educacional simplória do candidato o faria cometer trapalhadas nas áreas econômicas e de relações externas em seu governo a ponto de inviabilizá-lo.

O supremo erro se deu em 2005, quando a oposição, naquela ocasião, tendo bases reais para mover um impeachment contra o então presidente, preferiu aliviar a marcha, apostando no sangramento de Lula até a eleição. Não contavam com a imensa capacidade de Lula de manipular a opinião pública estabelecendo uma comunicação direta com o eleitorado, ao velho estilo populista. Não calcularam a conjuntura econômica extraordinária de commodities em alta e dólar enfraquecido que carregou recursos para os mercados emergentes.

As vitórias de 2006 e de 2010 andaram de mãos dadas, porque se sustentaram nas mesmas fontes: tiveram como causa aparente a habilidade política de Lula,

seu dom de manipulação eleitoral, uma gestão econômica eficaz em incorporar pessoas no mercado de consumo e um momento econômico excepcional. Como motivo de fundo, o que sustentou o duplo sucesso nestas eleições foi a troca de base de sustentação do lulismo, que deixou os segmentos médios e urbanos e passou a se apoiar no eleitorado mais rural, mais pobre, mais idoso, menos instruído e mais vulnerável.

Além de troca de base, Lula também alterou a sua valoração junto ao eleitorado. Os eleitores que votaram no PT e em Lula por acreditar que ambos significariam uma revolução nos costumes éticos do país foram embora do lulismo ainda em 2006. Os que se importam com os resultados efetivos da gestão lulista em seu próprio bolso permanecem. Ganham renda, inclusão social, capacidade de consumo e se tornaram conservadores em relação às perspectivas de mudança.

É possível dizer que quem vota em Lula hoje o faz por considerá-lo mais honesto que a média dos políticos? Há elementos para se pensar que não. Como se trocou a valoração em torno do candidato, a questão diminuiu em importância. O ex-governador do Distrito Federal José Roberto Arruda chegou a ser preso depois de afastado do mandato e liderava a disputa pela eleição do governo em Brasília no ano passado, caso não fosse abatido pela Lei da Ficha Limpa. Não porque a população o considerasse honesto, mas por associá-lo a outros valores que não estavam relacionados à retidão pessoal.

Lula tem contra si em uma disputa presidencial em 2018 os potencialmente catastróficos resultados da gestão de Dilma Rousseff, tanto no plano político como econômico, mas seus adversários já não cometem o erro de subestimá-lo. Sabem que, mesmo com o sistema partidário em desprestígio, Lula paradoxalmente se credenciaria a disputar, ao lado de "outsiders" como Joaquim Barbosa e Marina Silva.

Sua imagem transcende o PT e a sua proposta de organizar uma "Frente Ampla" no modelo uruguaio, incorporando movimentos sociais, dá um passo nessa direção. Em um colapso petista, mesmo intelectuais próximos ao PSDB enxergam margem de manobra para Lula se apresentar como a parte boa de um sistema que se esgotou. Para um dirigente de uma sigla de oposição ao governo Dilma, Lula é uma perspectiva permanente de diálogo, com quem quer que seja, sob qualquer circunstâncias. "Podemos em 2018 estar juntos ou separados. Com Dilma, esta possibilidade não existe", comentou o presidente nacional do PSB, Carlos Siqueira.

Duas sombras pesam sobre o ex-presidente: uma eventual recidiva do problema de saúde que teve em 2011, rumor sempre presente em Brasília, e uma inabilitação judicial para concorrer, caso se gere uma situação que possa enquadrá-lo nos casos em que a Lei de Ficha Limpa veta essa possibilidade.

Atingido ou não pelo vendaval da Lava-Jato, Lula em 2018 segue sendo um candidato difícil de ser batido. Parafraseando o cientista político argentino Ricardo Sidicaro, especialista em peronismo, um mito não representa um sonho coletivo, mas o sonho de muitos. Lula significa muitas coisas para diversos grupos. De forma difusa, sempre será um aceno à volta de pretensos anos dourados.